

DELFIN SANTOS NA ESCOLA PORTUENSE

J. PINHARANDA GOMES

1. A DIÁSPORA PORTUENSE

O encerramento definitivo (1931) da Faculdade de Letras Portuense, pouco depois agravado com o fim da revista *A Águia* e com o insucesso da Universidade Popular, causou laivos de infelicidade nos professores e nos alunos. Seguiu-se a diáspora. Uns tantos professores obtiveram colocação em outras Faculdades ¹, outros regressaram ao ensino liceal de onde tinham vindo. Os alunos mais antigos já eram docentes no ensino secundário, enquanto os mais recentes ainda teriam de cursar Pedagógicas no caso de optarem pelo ensino. Houve os que obtiveram colocação no funcionalismo público, e os que tentaram progredir, já saídos do Porto, como foi o caso de Álvaro Ribeiro, que tentou o exame de admissão ao estágio no Liceu Pedro Nunes (Lisboa) sendo excluído pelo júri presidido por Matos Romão, o mesmo que, em 1912, emulara com Leonardo no concurso para a cadeira

¹ Por exemplo, Aarão de Lacerda, Damião Peres, Torcato de Sousa Soares, Hernâni Cidade, Newton de Macedo... enquanto Leonardo Coimbra voltava ao liceu, desta vez ao Rodrigues de Freitas.

de Filosofia na Faculdade de Letras de Lisboa². Delfim Santos ainda ficou no Porto, tendo ensejo de conviver com os remanescentes, Leonardo e Teixeira Rego, Manuel Maia Pinto, Adolfo Casais Monteiro, e também com o seu estimado Luís Cardim, germanista de alto gabarito, que pode ter motivado Delfim para o estudo das línguas alemã e inglesa.

Entretanto, os dias do fim ainda tinham sido assinalados pela revista ou publicação de cultura e política, *Princípio* (1930), ideia dos mais políticos (Álvaro, Casais Monteiro e Manuel Maia Pinto) cuja orientação, um tanto simpática com o extremismo socialista, desagradou a Leonardo Coimbra. Delfim Santos esteve entre os colaboradores da revista, de duração muito precária, mas vocacionada para um ideal de renovação democrática.

No exílio, ou na emigração, e perante as tensões ideológicas em presença, em 1932 surgiu o movimento intitulado «Renovação Democrática», cujos fundadores, entre eles Álvaro e António Alvim, não se identificavam com as ideologias predominantes, fossem as do monarquismo integralista, fossem as do republicanismo liberal da *Seara Nova*, que pouco a pouco era invadido pelo ideário marxista, fossem as do corporativismo republicano em breve denominado de «Estado Novo», após o termo da ditadura militar e da morte de *A Águia*.

A «Renovação Democrática» apareceu numa situação equidistante, o que lhe deu um arco de abrangência sob o qual se juntaram personalidades de vários entendimentos, incluindo anarquistas, uns mais próximos do que outros, mas comungando no atávico messiânico (sebástico) de restauração da Pátria. Nas intrigas de café, ao movimento se apodava de «entroncamento» — todas as tendências ali se entroncavam. A «Renovação Democrática» tentou repor o ideário da «Renascença Portuguesa» — nacionalismo mítico, filosofia da esperança, idealismo democrático, promoção da

² J. Domingues, *Filosofia Portuguesa para a Educação Nacional. Introdução à Obra de Álvaro Ribeiro*, Lisboa, Fund. Lusíada, 1977, até agora o melhor estudo da sua vida e obra.

vida cívica, ressurgimento da Pátria, um florilégio que de certo agradaria ao solitário de Gatão, também ele referência da Escola Portuense. Programa geral: Educação para a República³.

As principais figuras do movimento, com forte presença de portuenses, e nortenhos, foram Álvaro Ribeiro, Domingos Monteiro, Pedro Veiga, Mário de Castro, Eduardo Salgueiro, Eduardo Lobo Vilela e Delfim Santos. Sabemos hoje que a alma do movimento foi Álvaro, que assumiu o ónus da coordenação e da promoção, nem sendo de estranhar que o movimento viesse inactivo a partir de 1945, quando Álvaro, finalmente já com emprego estável, entendeu não haver condições de prosseguimento. Estaria também cansado de ser o faz-tudo da casa...

Embora vivendo no Porto, Delfim aderiu ao movimento, a par de José Marinho, e aos dois Petrus considerou, com Álvaro, os pensadores filosóficos e políticos da sua geração. Em Lisboa continuou-se o costume das tertúlias da Baixa do Porto, mesmo após a extinção da Faculdade. Delfim pertenceu aos órgãos centrais da «Renovação Democrática» e, num gabinete ministerial sombra, enquanto a Marinho foi atribuída a pasta da Educação, e a Álvaro a da Propaganda, a Delfim foi distribuída a pasta da Cultura, o Presidente do Ministério sendo o talentoso Mário de Castro.

Delfim foi solicitado a rever o Manifesto que, segundo informou, foi lido no Porto com muitas concordâncias⁴. Residindo ou no Porto ou em Coimbra, a cursar novos estudos, Álvaro servia-lhe de intermediário, o que se acha de modo exuberante documentado na correspondência de ambos, felizmente acessível porque, depois da edição das cartas de Delfim, também as de Álvaro para Delfim foram edi-

³ Seguimos de perto o testemunho de Pedro Veiga (Petrus), *O Movimento da Renovação Democrática ou o Novo Cenáculo da Vida Mental Portuguesa*, Porto, CEP, s. d.

⁴ Delfim Santos, *Obras Completas*, vol. IV — *Correspondência*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1998, carta n.º 25.

tadas⁵. Delfim, que, entre 1935 e 1940, estudou na Áustria, em Inglaterra e na Alemanha, não podia dar ao movimento o apoio que dele se esperava, caso estivesse presente, ou no Porto, ou em Lisboa. Manteve, contudo, e durante toda a sua vida, a crença no primado da Cultura em diferença ao primado da Política, primado esse peculiar do Integralismo e do Seareirismo.

A partir de 1947, Delfim passou a residir em Lisboa. Desde 1931 que os seus principais discípulos também ali viviam, ou lá começavam a viver, na procura de ocupação profissional, nenhum deles, excepto Sant'Anna Dionísio e António Alvim, com imediato sucesso. Delfim, entretanto, achara melhor ampliar a sua formação e, por isso, procurou obter bolsas e investir. Houve de trabalhar e de estudar, de abrir caminho ao futuro, mas não teve de passar pelas agruras de outros, quais Agostinho da Silva, Álvaro e Marinho, este durante anos e anos a dar explicações particulares e a traduzir livros para ele pouco interessantes. Delfim manteve com todos condiscipular relacionamento e amistosas relações. Os seus amigos eram os do Porto, entre eles avultando Álvaro, seu ponto de orientação e fonte de informação enquanto esteve na Alemanha, conforme se prova pela correspondência⁶. O número de cartas para Álvaro é o dobro das enviadas a Sant'Anna Dionísio e a José Marinho. Cremos que a preferência decorre em parte da certeza que Delfim tinha de que Álvaro cumpria os pedidos e os recados com diligência, e, além disso, Álvaro manteve admiração pelo colega, registando em devido tempo os seus «êxitos académicos»⁷ e alguma vez lamentando que a vida profissional o afastasse de mais frequente convívio, embora por epístolas Delfim mantivesse o relacionamento, incluindo outros, como Adolfo Casais Monteiro, que lhe terá aberto as

⁵ Organização, prefácio e notas de Joaquim Domingues, int. de A. B. Teixeira, Lisboa, Fund. Lusíada, 2001.

⁶ Delfim Santos, *Correspondência*, ed. cit.; Álvaro Ribeiro, *Cartas para Delfim Santos*, ed. cit.

⁷ Álvaro Ribeiro, *Memórias de um Letrado*, vol. I, Lisboa, Guimarães Editores, 1977, p. 119.

portas da *Presença*, onde publicou um dos seus primeiros e substanciosos escritos — «Dialéctica totalista» (1933).

Já em Lisboa manteve, apesar das queixas alvarinas, contactos ocasionais com os discípulos residentes (Agostinho da Silva emigrara para o Brasil) e, por vezes, aparecia na tertúlia, sobretudo na que António Alvim reunia em sua casa, pois tinha um bom emprego e um bom nível de vida, pelo que, decerto por isso, abandonou a Política e a Filosofia, dedicando-se à gestão em uma empresa petrolífera, salvo erro a Mobil Oil. Quanto a outros, vivendo dificuldades, Delfim empenhou-se em arranjar um emprego extra para Álvaro, e foi também graças a Delfim que José Marinho obteve por fim, em 1961, um consistente emprego no Centro de Investigação Pedagógica da Fundação Calouste Gulbenkian, onde teve de escrever em quantidade (sobretudo nótulas e resenhas para o respectivo *Boletim*), e também qualidade, expressa nos dois ensaios de fundo sobre a didáctica da Filosofia e a Antropologia⁸. No ambiente da Fundação, Delfim contava com «herdeiros» da Escola Portuguesa, quais os discípulos de Álvaro e de Marinho, António Quadros e Orlando Vitorino, funcionários do Serviço de Bibliotecas, em que também trabalhava um antigo colega da «Renovação Democrática», o novelista e ensaísta duriense Domingos Monteiro (fal. 1980).

Delfim abriu as portas da vida académica a Eudoro de Sousa (fal. 1987), que não vinha do Porto, quando, em 1940, lhe conseguiu um lugar de leitor de Português em Heidelberg e uma bolsa para aí estudar Alemão, Grego e Filosofia. Em 1953, Delfim ainda lhe obteve uma outra bolsa de estudo para o Brasil onde, ao chegar, Eudoro foi logo apanhado por Agostinho da Silva, que de bolseiro o elevou a professor na Universidade de Santa Catarina do Rio Grande do Sul, a partir da qual originou os modernos estudos clássicos, por fim consolidados na Universidade de Brasília, para onde se transferira com Agostinho da Silva.

⁸ José Marinho, *Elementos para uma Antropologia Situada*, 1966; *Filosofia, Ensino ou Iniciação?*, 1972.